

PATERNIANI, Stella Z. 2016. Morar e viver na luta – movimentos de moradia, fabulação e política em São Paulo. São Paulo: Annablume Editora.

Renato Abramowicz Santos

Mestrando em Sociologia  
pela Universidade de São Paulo (USP)

[renato.abramo@hotmail.com](mailto:renato.abramo@hotmail.com)

O livro “Morar e viver na luta – movimentos de moradia, fabulação e política em São Paulo”, de Stella Zagatto Paterniani, trata do tema das ocupações de imóveis ociosos no centro de São Paulo realizadas e mantidas por movimentos de moradia organizados. Mesmo que apresente e trabalhe a história desses movimentos e de suas ocupações de modo geral, o foco e as análises de sua pesquisa centram-se, mais especificamente, na ocupação Mauá, situada na rua de mesmo nome, número 340, na região da Luz, centro de São Paulo. A ocupação, ocupada e mantida por três movimentos desde 2007 – completando, portanto, dez anos de existência em 2017 – é uma das mais antigas da cidade, com uma história marcada por enfrentamentos, confrontos, ações e conquistas.

A efetivação da ocupação Mauá, a autora mostra, insere-se dentro de uma história produzida pelos movimentos de moradia da área central, na qual a ocupação de imóveis ociosos se constitui como estratégia e instrumento de pressão e denúncia para enfrentar a existência (e persistência) de prédios vazios que não cumprem a função social da propriedade por estarem há muitos anos abandonados e, a grande maioria, acumulando dívidas de IPTU com a prefeitura municipal. Lacrados, juntando lixo, permanecem fechados, muitas vezes na expectativa, por parte dos proprietários, de uma venda futura em que possam ganhar grande soma de dinheiro com uma esperada valorização da área e do imóvel ocioso.

Nesse cenário, as ocupações organizadas pelos movimentos de moradia dão visibilidade a essa agenda política como forma de pressionar o poder público à garantia efetiva do direito à moradia digna. Dentro dessa lógica, ocupações como a Mauá se tornam espaço de habitação para muitas famílias na disputa por uma solução definitiva para os ocupantes. Até a conquista desse objetivo, esse lugar transforma-se na moradia de centenas de pessoas, a partir de onde resistem, organizam-se para reivindicar e criam, no cotidiano, condições para que possam viver da melhor maneira possível. São essas dimensões da vida de uma ocupação que o livro de Paterniani aborda.

Poderíamos dividir a organização do conteúdo do livro em três partes: uma primeira, de apresentação dos termos, perspectivas analíticas e escolhas metodológicas utilizados, assim como a contextualização do tema; uma segunda parte, em que a autora discorre sobre o material etnográfico produzido ao longo da pesquisa – realizada no âmbito de seu mestrado, defendido em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp, do qual o livro é resultado – e apresenta as análises construídas a partir dele; e, uma terceira, com considerações finais e epílogo, onde sistematiza alguns pontos debatidos ao longo do livro e descreve brevemente o contexto e os desdobramentos do período posterior ao encerramento de sua pesquisa de campo.

Nos próprios termos da autora, seu trabalho se constitui como uma “etnografia de uma experiência”, construída ao redor de três dimensões: a experiência própria de uma ocupação de moradia organizada por três movimentos que é a Mauá; a experiência de construção e elaboração da ocupação Mauá, a partir do contato com os moradores e outros atores que com ela se relacionam; e, uma terceira, que é a experiência da escrita, de elaboração da etnografia realizada. Vale o registro, dado por Stella, que muito do material elaborado por esse seu percurso etnográfico se deu, para além dos muitos momentos dentro do próprio edifício, no acompanhamento que fez de uma figura central da ocupação: Nelson, um dos coordenadores dos três movimentos que compõem a Mauá. Através dessa figura importante e carismática, que transita por diferentes espaços e promove diversas articulações entre diferentes atores, que a etnografia de Paterniani foi também se construindo.

A autora relata que foi, inclusive, seguindo ele, que recebeu a notícia que iria marcar a história da Mauá como ponto de inflexão: o pedido de reintegração do imóvel, às vésperas da ocupação completar cinco anos. Esse evento, de acordo com a autora, foi importante para ela perceber Mauá como nó de uma série de acontecimentos e relações que têm essa ocupação como “ponto de partida” incontornável. É a partir dessa percepção e posição, em uma situação que era sentida como dramática, que a autora desenvolve sua etnografia, acompanhando os eventos e desdobramentos nessas circunstâncias políticas extraordinárias, assim como outras dinâmicas e acontecimentos cotidianos que marcam a ocupação.

Desse modo, justamente por acompanhar esse período determinante na trajetória da Mauá, o trabalho de Stella se torna um registro fundamental dos processos que se desenvolveram, da rede acionada e das estratégias postas em práticas no momento de acirramento de uma disputa que atingia seu ponto de maior tensão: a ameaça real, próxima, de reintegração de posse do imóvel que poderia colocar fim à ocupação Mauá. Esse trabalho então se torna uma referência incontornável na história da ocupação juntamente com outra etnografia: a de Carlos Filadelfo de Aquino (2008) que desenvolvia sua pesquisa de mestrado (também etnográfica) em uma ocupação próxima, a Prestes Maia, quando acompanhou o momento de entrada e ocupação do imóvel situado no número 340, evento que marcaria o “nascimento” da ocupação Mauá que temos hoje. Portanto, a etnografia de Aquino registrando a entrada e a etnografia de Stella que acompanhou o episódio de pedido de reintegração de posse e a articulação da resistência a ele faz com que ambos os trabalhos se constituam como marcos temporais e acadêmicos da história da Mauá marcada por muitos eventos políticos determinantes, os quais essas duas etnografias testemunham dois dos mais fundamentais.

É nessa conjuntura e atmosfera repletas de acontecimentos, portanto, que o trabalho

de Stella se constrói descrevendo e analisando todo esse processo. Do que foi apresentado no livro, destacaria dois pontos que me parecem importantes para compreender as dinâmicas produzidas a partir da Mauá: 1) a rede de articulação de eventos e de outros atores que se produziu ao redor da ocupação diante dessa ameaça – apenas para citar alguns que a autora descreve: ato de rua, elaboração de vídeo para divulgação nas redes sociais, gravação de um clipe na Mauá do grupo Racionais MC's, reunião no Batalhão da Polícia Militar, recursos no âmbito jurídico; e 2) outro aspecto que ganha destaque é o enquadramento, por parte da autora, do processo enquanto tentativa de construir, nos discursos e na prática, a unidade e coesão da “Comunidade Mauá”; o esforço de busca por constituição de um corpo, que se une, que se espraia, que toma as ruas, que reivindica, que vive seu dia-a-dia, o “corpo-Mauá” (:139).

Tomando como referência a bibliografia sobre movimentos sociais e partilhando da perspectiva de Aquino (2008), que ao analisar o processo de coletivização do movimento de moradia define que a constituição desse sujeito coletivo se faz a partir de articulações situacionais e relacionais fazendo convergir coletividades heterogêneas, não existindo assim um grupo coeso, homogêneo e *a priori* (AQUINO, 2008), Paterniani, ao longo de sua etnografia, registra momentos em que a conformação dessa “Comunidade Mauá” é almejada/feita. Stella faz isso acompanhando e descrevendo reuniões, assembleias, reuniões de formação (momentos cruciais desse processo para ela), analisando os discursos e falas de coordenadores, como de Nelson e de Neti – outra liderança, personagem fundamental e coordenadora-geral da ocupação. Percebendo e pensando diferentes modulações de participação do movimento, a autora as diferencia, principalmente, em dois tipos: as ações diretas (ocupações, majoritariamente) e participações (de lideranças), por exemplo, em conselhos com o poder público. Para ela, ambas participações, se contraditórias, não se excluem, mas coexistem e compõem o que ela nomeia de “lógica de luta” (:144).

Das reflexões e análises que a autora vai construindo em cima do rico material etnográfico, creio que podemos perceber duas linhas que ganham bastante importância e ênfase na construção de seu argumento e que se constituem como eixos centrais do trabalho: 1) pensar a relação estabelecida, a partir da ocupação, entre *vida e luta* – categorias, inclusive, que nomeiam o livro; e 2) as três dimensões que, para ela, constituem o aspecto político do *viver* em ocupação: a resistência, a reivindicação e a refiguração. Embora esses dois pontos estejam articulados e se atravessem, como ela bem mostra, na ocupação, tentemos reconstituir, brevemente, o que ela entende por cada uma dessas formulações.

Na época da ameaça mais imediata da reintegração de posse, o coletivo da ocupação Mauá formulou uma carta aberta de seus moradores. Uma das passagens dessa carta a que Stella recorre diversas vezes é a seguinte: “A ocupação Mauá hoje é sinônimo de Vida”. Outra referência muito trabalhada pela autora é também o grito, muitas vezes entoado, em assembleias, em atos, principalmente por Neti: “Quem não luta, está morto!”. Em ambos os casos, a ideia de vida – e morte – é estruturante. É ao redor dessa retórica, dessa perspectiva e percepção, a de que lutam por suas vidas, que as práticas e ações do coletivo se constroem, se justificam e se legitimam.

Na introdução do livro, Stella nos alerta que em sua etnografia faz das categorias nativas categorias analíticas o que explica o uso que faz no seu trabalho, por exemplo, do termo “luta”. Ela qualifica, mais adiante, “luta” como uma maneira de caracterizar a vida. A luta

por moradia digna, escreve ela, é a luta pela vida. É a vida que está em jogo no cotidiano da ocupação: a luta não é só por um teto, mas por se viver dignamente, construir e conquistar isso. E, segue a argumentação da autora, a ameaça de reintegração de posse – a “canetada assassina” de um juiz, expressão de uma das lideranças do movimento – é sinônimo de morte. Desse modo, afirma Stella, os termos moradia-dignidade-vida tornam-se elementos equivalentes para as pessoas que estão “na luta”. “Assim, para as pessoas que moram na Mauá e se envolvem com ela, viver com dignidade, isto é, existir como cidadão que tem seu direito (à moradia) efetivado, é viver na luta. Morar na Mauá é viver na luta” (:137).

Nessa construção, elaborada pela autora, a política torna-se indissociável da vida para os moradores da Mauá. É preciso desenvolver então a que ela está se referindo quando trata por política. Para Paterniani, tanto a política quanto a ação política, mais propriamente, são compostas por três dimensões que se superpõem e complementam na existência da ocupação em si: resistência, reivindicação e prefiguração. Ao longo do trabalho, a autora busca demonstrar como na vida dos moradores não só essas dimensões estão presentes, constituindo o aspecto político de suas vivências, mas também como só com a realização plena das três é que os moradores conseguirão viver em uma moradia digna efetiva. Para compreender esse seu ponto, é preciso retomar como ela caracteriza propriamente essas dimensões.

A autora mostra que a dimensão da resistência se faz notar, por exemplo, na insistência dos moradores em permanecer naquele prédio, naquele exato local, contrariando as políticas de Estado para região. A dimensão da reivindicação se faz presente na demanda por reforma, via política e verba públicas de habitação, daquele prédio específico, onde já habitam, fazendo-o cumprir a função social da propriedade. E a prefiguração, segundo Paterniani, surge quando os moradores vivem do modo que almejam viver, isto é, buscam construir na disputa do presente “a expressão da utopia do futuro daquele espaço” (:55). Essa dimensão da política por ela formulada aproxima, em sua visão, as ocupações de prédios aos movimentos *Occupy*, que tiveram diferentes expressões e dinâmicas de atuação (e desdobramentos) em distintas cidades do mundo.

Em sua linha de argumentação, os laços que estabelecem, a limpeza, o cuidado com a manutenção, com as crianças, com a pintura, com a infraestrutura... as práticas e ações cotidianas com o prédio que desenvolvem buscando dignificá-lo, vivendo do modo que se deseja viver, seriam exemplos dessa dimensão prefigurativa. Cuidar da Mauá é viver como e onde desejam viver. Contudo, ela avisa, a efetivação plena da moradia digna, a realização daquilo por que lutam só será alcançada plenamente quando as três dimensões se fizerem cumprir efetivamente, complementando-se: viver naquele prédio e locais específicos (resistência) reformados via política pública para aqueles moradores (reivindicação) para que juntos possam cuidar e manter dignamente a moradia e suas vidas (prefigurativa). Assim apresentados, esses me parecem ser os dois eixos centrais que a autora elabora em relação a “morar e viver” na ocupação: viver na Mauá é viver na luta e que a política, formada por essas três dimensões, é indissociável dessa vida.

Posto isso, arriscaria apontar, a partir da pesquisa etnográfica que também venho desenvolvendo na Mauá, que o meu desacordo maior com as análises elaboradas por Paterniani está ao redor da dimensão prefigurativa. Afirmar que eles vivem da forma que eles almejam viver buscando construir as melhores condições possíveis daquelas que gostam

riam de ter em um futuro utópico me parece uma descrição de uma realidade um pouco idílica, chamando-me a atenção a harmonia do todo por ela descrito, não apenas na parte da descrição prefigurativa. De forma alguma pretendo insinuar que o que existe ali é desunião e/ou “bagunça” – muito pelo contrário; mas nessa descrição de Stella faltam ruídos, atritos, dissensos. Creio que eles não vivem do modo que querem, necessariamente, mas do jeito que *podem*; procurando sempre o melhor para os seus, para o prédio, para o coletivo; estrategizando ações, alianças e relações que lhes favoreçam, a si, aos seus parceiros, a comunidade. É claro que buscam o tempo todo dignificar e melhorar as condições de vida do lugar, mas creio que isso deva ser lido em outra chave: são “virações”, arranjos, articulações que vão, situacionalmente, construindo e produzindo novas relações, dinâmicas e fatos em uma realidade que não é nunca estabilizada nem harmônica, interna e externamente, em um contexto mais amplo de disputa política permanente, em um contexto urbano de conflito.

Desse modo, as experimentações e criações que vivem e constroem em seus cotidianos não me parecem se constituir e se explicar por uma dimensão e projeções futuras, que estão prefigurando vivências, ações e práticas que querem e que almejam para seu futuro. A efervescência de arranjos, agenciamentos, relações que as ocupações produzem são fruto daquilo que está posto, das limitações, dificuldades e possibilidades que atravessam o dia-a-dia de uma ocupação. Os imperativos que me parecem marcar e reger essas práticas são, ao contrário, o tempo *presente* (são mais práticas as apropriações e invenções, respondem mais a necessidades cotidianas e mais imediatas do que a expectativas – que existem, evidentemente – futuras) e uma sensibilidade não só prática, como *tática*: se arrijam, se viram, mobilizam esquemas, relações, dinâmicas que, no fundo, são estratégias para contornar desafios, bloqueios, tensões na realidade imposta, seja no nível dos indivíduos, dos moradores, seja no nível do movimento, das lideranças ou da ocupação como um todo – dimensões que são distintas, com diferentes dinâmicas, mas que coexistem e constituem todas a “ocupação Mauá”.

## Referências

AQUINO, Carlos F. 2008. *A coletivização como processo de construção de um movimento de moradia: uma etnografia do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC)*. Dissertação de mestrado. PPGA, Universidade de São Paulo.

PATERNIANI, Stella Zagatto. 2016. *Morar e viver na luta – movimentos de moradia, fabulação e política em São Paulo*. São Paulo: Annablume Editora.

Recebido em 6 jun. 2017

Aceito em 20 nov. 2017